

CORRIDA ELEITORAL

Flávio é ungido pelo pai

O filho de Jair Bolsonaro, preso na Polícia Federal, anuncia candidatura à Presidência da República e diz que conta com a bênção do ex-presidente. Mercado, que torce por Tarcísio, reage, com Bolsa caindo 4,31% e dólar subindo a R\$ 5,43

» VINICIUS DORIA

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) anunciou, ontem, que será o nome da família na disputa à Presidência da República, no ano que vem. Ele assegurou a aliados que a decisão foi tomada pelo pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que o orientou a viajar pelo país para consolidar a pré-candidatura. A escolha foi definida na última terça-feira, após Flávio visitar o pai na Superintendência da Polícia Federal em Brasília, onde cumpre pena de 27 anos de prisão por liderar uma conspiração golpista.

"É com grande responsabilidade que confirmei a decisão da maior liderança política e moral do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, de me conferir a missão de dar continuidade ao nosso projeto de nação. Eu não posso, e não vou, me conformar ao ver o nosso país caminhar por um tempo de instabilidade, insegurança e desânimo. Eu não vou ficar de braços cruzados enquanto vejo a esperança das famílias sendo apagada e nossa democracia sucumbindo", anuncia Flávio, em uma rede social.

No texto, em que cita Deus seis vezes, Flávio Bolsonaro dá indicações sobre temas prioritários que devem mobilizar sua pré-campanha, ao dizer que "aposentados são roubados pelo próprio governo, narcoterroristas dominam cidades e exploram trabalhadores, estados voltaram a ser saqueados, novos impostos não param de ser criados ou aumentados, e nossas crianças não têm expectativas de futuro".

O senador deve coordenar, em nome do bolsonarismo, as negociações para a montagem dos palanques estaduais com outras forças políticas. A escolha de seu sucessor era esperada há meses por aliados de Jair Bolsonaro, desde que ele ficou inelegível por decisão da Justiça Eleitoral em processo de abuso do poder político e econômico. Agora, é da prisão — e por meio de quem o visita — que o ex-presidente acompanha a disputa intrafamiliar pelo espólio político dele e dispara comandos para seus seguidores.

A ex-primeira-dama Michelle

Carlos Moura/Agência Senado



O senador Flávio Bolsonaro afirmou que recebeu o aval do pai para candidatura na terça-feira, mas somente ontem resolveu oficializar

Bolsonaro também era apontada como nome possível da ala bolsonarista no pleito presidencial. Ela e Flávio chegaram a divergir publicamente, na semana passada, por causa da aliança que o PL negocia no Ceará com o ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes (PSC-DB) — com apoio dos quatro filhos do ex-presidente — para enfrentar o governador Elmano de Freitas (PT), favorito à reeleição em 2026 segundo todas as pesquisas de intenção de votos até agora. Prevaleceu a posição de Michelle, contrária ao apoio a Ciro.

De acordo com colegas de partido, Jair Bolsonaro pediu que Flávio, ao percorrer o país, assuma postura mais combativa em relação ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que deve disputar a reeleição. O objetivo é reavivar a polarização entre direita e esquerda que conduziu Jair à Presidência,

em 2018, quando Lula estava preso em Curitiba, sem condições legais para disputar a eleição.

O deputado Eduardo Bolsonaro, que se mudou para os Estados Unidos para sair do alcance da Justiça, elogiou a escolha do pai e defendeu a pré-candidatura do irmão mais velho. "Meu irmão erguerá a bandeira dos ideais do nosso pai, será o rosto da esperança em meio ao medo; da liberdade em meio à opressão, representará todos aqueles que se recusam a se ajoelhar diante da tirania", escreveu.

Michelle Bolsonaro, por sua vez, limitou-se a repostar no Instagram a nota oficial do partido acrescida de uma pequena mensagem de boa sorte ao enteado mais velho. "Que Deus te abençoe, Flávio, nessa nova missão pelo nosso amado Brasil", escreveu ela. Michelle e Flávio foram autorizados pelo ministro do Supremo Tribunal Federal

Alexandre de Moraes a visitar Jair Bolsonaro na próxima terça-feira, separadamente, por meia hora.

Falou, tá falado

Nas hostes do PL, dividido entre o carisma de Michelle e a liderança de Jair, a escolha do nome do primogênito para suceder o pai nas urnas foi bem recebida e aclamada imediatamente. O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, postou em sua conta no Instagram que "se Bolsonaro falou, está falado".

"Como presidente do PL, informo que o senador Flávio Bolsonaro é o nome indicado por Jair Bolsonaro para representar o partido na disputa presidencial. Flávio me disse que o nosso capitão confirmou sua candidatura. Seguiremos juntos, trabalhando com responsabilidade e compromisso com o Brasil", postou o cacique do PL.



É com grande responsabilidade que confirmei a decisão da maior liderança política e moral do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, de me conferir a missão de dar continuidade ao nosso projeto de nação"

Flávio Bolsonaro, senador

Postulantes reagem

» DANANDRA ROCHA

A pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência, ontem, movimentou o campo da direita e provocou reações imediatas de presidenciáveis. Mesmo com a indicação direta do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), os governadores Ronaldo Caiado (União Brasil-GO) e Romeu Zema (Novo-MG) reafirmaram seus próprios projetos eleitorais, sinalizando que a entrada do senador não deve reduzir o número de nomes no primeiro turno.

Caiado divulgou nota logo após o anúncio, adotando tom de respeito à decisão da família Bolsonaro, mas deixando claro que não pretende recuar. "É uma decisão do ex-presidente Jair Bolsonaro, e cabe a todos nós respeitá-la. Da minha parte, sou pré-candidato e estou convicto de que no próximo ano vamos tirar o PT do poder e devolver o Brasil aos brasileiros", escreveu.

Romeu Zema também tratou o anúncio como parte de uma estratégia mais ampla da direita. Segundo ele, Jair Bolsonaro já havia defendido a presença de múltiplos nomes no primeiro turno. "Faz todo sentido Flávio apresentar seu nome à Presidência. É justo e democrático", afirmou. O governador mineiro reforçou que continuará buscando consolidar sua própria candidatura: "Sigo trabalhando todos os dias para tirar o PT do Palácio do Planalto, assim como fizemos em Minas Gerais".

Já o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), que confirmou sua pré-candidatura em maio, durante a Marcha dos Municípios, não se pronunciou sobre o anúncio de Flávio. Ontem, ele participou de um evento sobre segurança pública, no Rio de Janeiro, mas preferiu não comentar o assunto.

"Beijo da morte"

No Centro, a reação foi comedida. Sem citar o nome do senador, o copresidente da federação partidária União Brasil-Progressistas, Antônio Rueda, declarou que o caminho do bloco "não é o do confronto estéril, mas o da construção", demonstrando desconforto com expectativa de uma repetição da polarização política nas próximas eleições.

"Os últimos acontecimentos apenas reforçam o que sempre defendemos: em 2026, não será a polarização que construirá o futuro, mas a capacidade de unir forças em torno de um projeto sério, responsável e voltado para os reais interesses do povo brasileiro", comentou Rueda.

Para a base governista, segundo a apuração do **Correio**, o anúncio da família Bolsonaro fragiliza uma possível candidatura à Presidência do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (REP), e aumenta o potencial de vitória de Lula no ano que vem.

Para o líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), a decisão de Jair Bolsonaro ungir o filho para a corrida presidencial já era esperada. O deputado avalia que o nome de Tarcísio não seria aceito pela ala mais ideológica do bolsonarismo.

O nome do Tarcísio seria o beijo da morte para a família Bolsonaro. Os marqueteiros do Tarcísio e do Centrão iriam trabalhar para esconder e construir uma política de apagamento do Bolsonaro. Ele seria esquecido na prisão. Para nós, o nome do candidato é indiferente", declarou o líder em uma postagem. A aposta, entre os governistas, continua sendo a de que Tarcísio disputará a reeleição para o governo paulista, hipótese que ganhou força com a entrada de Flávio na corrida pelo Palácio do Planalto. (com **VD**)

Anúncio da candidatura assusta mercado

» RAPHAEL PATI
» ROSANA HESSEL

A confirmação de Flávio Bolsonaro como nome da direita para concorrer ao Planalto na esteira do espólio bolsonarista não chegou bem aos ouvidos dos agentes do mercado financeiro. Ontem, logo após os primeiros rumores surgirem, no início da tarde, o dólar, que operava em leve baixa, logo virou para alta e permaneceu assim até o final do pregão, quando fechou em alta de 2,28% — a maior desde o dia 10 de abril de 2025 —, cotado a R\$ 5,43. O movimento também encerrou uma sequência de três quedas seguidas da moeda norte-americana ante o real. No exterior, o Índice DXY, que mede a força do dólar ante as outras principais divisas mundo afora — ficou praticamente estável ao longo do dia, diante de um noticiário esvaziado, e encerrou o dia com uma leve alta de 0,02%.

Ao mesmo tempo, o mercado acionário também reagiu negativamente à indicação do filho 01. O Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) desabou 4,31%, aos 157.369 pontos no fechamento da sessão, após ter batido recorde nominal no mesmo dia, pouco acima dos 165 mil pontos. Do "céu ao inferno", a bolsa registrou a pior queda diária desde o dia 22 de fevereiro de 2021, quando caiu 4,87%. A queda foi generalizada. Os principais bancos foram os que mais pesaram no final das contas para o resultado negativo. As ações do Banco do Brasil (BBAS3) tiveram queda de 7,07%, enquanto Bradesco (BBDC4) e Itaú



O Ibovespa, que iniciou o dia caminhando para novo recorde, encerrou a sessão com queda de 4,3%

Unibanco (ITUB4) desvalorizaram 5,97% e 4,62%, respectivamente. A maior queda do dia foi do grupo de serviços em educação e tecnologia YDUQS, que recuou mais de 10% no fechamento.

Na visão de analistas do mercado financeiro, a escolha de Flávio para herdar o espólio eleitoral do pai enfraquece as pretensões da centro-direita nas eleições do próximo ano e aumenta as chances de uma possível reeleição do atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. Para o especialista em

investimentos da Nomad Bruno Shahini, o pregão desse ontem foi marcado por forte aversão ao risco devido a esse cenário. "A confirmação de mudanças relevantes no cenário eleitoral de 2026, com a indicação do senador Flávio Bolsonaro para o pleito presidencial pelo ex-presidente, elevou a incerteza sobre a articulação política da oposição e desencadeou um ajuste generalizado de preços", comenta. Já para o analista da Levante Investimentos Flávio Conde, a escolha de Flávio Bolsonaro para ser

candidato a presidente seria mais um teste do próprio Jair em relação ao nome do filho nas pesquisas de intenção de voto. "Além disso, e talvez o motivo real, seria Jair conseguir colocar alguém da família e de confiança como candidato a vice-presidente na chapa da centro-direita, provavelmente, com Tarcísio de candidato e presidente", avalia. Em ambos os casos, o analista considera ruim a candidatura de Tarcísio. "Porque as pesquisas indicam que boa parte dos eleitores quer alguém que não tenha o

sobrenome Bolsonaro que perdeu muita força e se tornou um "tirador" de votos após a combinação de Eduardo Bolsonaro defendendo o tarifado de 50% de Trump ao Brasil e a condenação e prisão de Jair Bolsonaro pela trama golpista de 8 de janeiro de 2023", acrescenta.

Desvalorização

Com esse tombo expressivo no Ibovespa, principal indicador da B3, uma vez que o candidato do mercado é o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), as empresas listadas na B3 perderam R\$ 182,7 bilhões em um único dia, somando R\$ 4,74 trilhões o valor total de mercado, de acordo com levantamento da consultoria Elos Ayta.

"O pregão desta sexta-feira trouxe um movimento expressivo de correção na B3, com as maiores empresas do índice devolvendo o valor de mercado de forma significativa", avaliou Einar Rivero, sócio da Elos Ayta. Conforme os dados levantados por ele, o Itaú Unibanco liderou as quedas do dia ao perder R\$ 19,1 bilhões em valor de mercado. Em segundo lugar, ficou a Petrobras, que desvalorizou R\$ 17,7 bilhões em um único dia. "Ambos, líderes históricos em capitalização na Bolsa, foram responsáveis por cerca de 20% de todas as perdas registradas no pregão", destacou Rivero.

De acordo com o chefe de análise política da Warren Investimentos, Erich Decat, a eventual candidatura de Flávio Bolsonaro "ainda precisa decantar antes de ser tratada como um movimento concreto".